



# discurso da 44ª turma

(Continuação da 1.ª pág.)  
nos orientarem na senda dos empreendimentos úteis e corajosos.

Todas as palavras proferidas à guisa de elogio a estes artifices do nosso caráter não revelaríamos a sensibilidade de nosso agradecimento, pois o espírito se quedaria silente ante a emoção que nos eri-polga.

Esta solenidade vos pertence, guerreiros intrépidos que jamais desertastes da árdua tarefa de formar corações, enrijecer vontades, delinear destinos.

Queremos dirigir-nos ainda àqueles que nos orientaram nos passos seguintes. Libertos já da necessidade de apoio constante, ao ensaiarmos os primeiros passos autônomos encontramos em nossos mestres não apenas um novo amparo, mas também o estímulo constante para que prosseguissemos.

Coube-lhes a nossa formação técnica, científica, profissional. Não ocupam, de maneira alguma, posição periférica. Muito ao contrário, representam um centro de atração em torno do qual gravitamos durante muito tempo. E agora, ao sairmos da órbita, lançando-nos ao encontro de um mundo novo e imperfeitamente conhecido é que sentimos intensamente o quanto eles representaram para nós.

Transmiti, professor Carlos da Silva Lacaz, nosso parainfo, cuja escolha decorreu da inteligência, da cultura, da capacidade, da probidade e, em especial, das virtudes humanísticas que vos fizeram alvo do nosso mais profundo respeito e admiração; transmiti aos nossos abogados mestres o testemunho eloquente da nossa perene gratidão.

Não foram apenas nossos pais. Não foram apenas nossos mestres que contribuíram para a nossa formação. Foi também o povo brasileiro, ao qual já nos referimos.

Foram também os colegas. Dêstes, queremos salientarmos especialmente os mais próximos, os colegas do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz».

## EXPEDIENTE: "OBISTURI"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO  
Rua 7 de Abril, 264 6.º andar - S. 603 - Tel. 35-4672

REDAÇÃO:  
Av. Dr. Arnaldo No 1  
Tel. 52-1729 S. PAULO

Diretor Responsável:  
José Knoplich

Diretor  
João L. Ferreira Camargo

Vice-Diretor:  
Hermínio Lozano Torres

Secretário:  
Jayme Tetner

Redatores:  
Jacyr Pasternak  
Joaquim A. de Souza Junior  
José Carlos Seixas  
João Yunes  
Humberto de Moraes Novais  
Ossumu Buutgan

Desenhistas  
Marizilha Barreto

Fotografia  
Sinsêi Toma Shôju Tojo

Os artigos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade daqueles que os assinam e os conceitos neles emitidos nem sempre coincidem com os da sua direção.

Estas páginas estão abertas a todos os sócios do CAOC, obedecendo as tradicionais regras da ética acadêmica.

Não devolvemos originais publicados ou não.



O doutorando José da Rocha Cavalheiro quando discursava.

Ao nos dirigirmos a eles queremos apresentar uma prestação de contas daquilo que fizemos em seis anos de Faculdade de Medicina. Queremos ainda dizer-lhes o que deles esperamos.

Como estudantes estivemos sempre presentes aos movimentos que as nossas entidades representativas encetaram. Nunca nos furtamos à participação deles porque entendemos que o papel que deve ser desempenhado pelo universitário consciente não é apenas estudar. Ele é parcela ativa da população. Praticamente liberto de injunções econômicas, pode tomar posições desassombradas e autênticas. O estudante deve participar intensamente da vida nacional, analisando os problemas do país e procurando encontrar o caminho certo, orientando assim a luta daqueles que, direta ou indiretamente, sustentam com o sacrifício pessoal a nossa posição e constituem a parcela mais expressiva do povo brasileiro.

Nossa atuação, como universitários, esteve sempre fundamentada nessa maneira de encarar a participação do estudante na vida do país.

Procuramos deixar aos colegas do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» uma herança de luta, de atuação contínua. Tivemos sempre a preocupação da clareza nas definições, da afirmação de princípios.

Temos uma confiança ilimitada nos colegas a quem ficam entregues os destinos do Centro Acadêmico. Queremos alertá-los de que a luta não terminou ainda. Está aí a campanha pela Reforma Universitária, e pela melhoria do ensino de maneira geral, apenas iniciada. Está aí a população rural, vítima da inadequação do nosso regime fundiário, a reclamar o nosso auxílio. Está aí a população das favelas, vítima de uma estrutura social superada, vivendo paradoxalmente em condições de extrema miséria em centros urbanos extraordinariamente ricos.

Estas favelas têm sido visitadas por grupos de colegas, que lhes prestam assistência médica. Estas visitas devem ser ampliadas e estendidas às populações do campo, como já fizemos em duas bandeiras científicas. Mas isto não é o suficiente, pois não passaria de efêmera assistência social, que não resolve o problema em definitivo. É preciso encarar-o de frente e ter a coragem de reconhecer que as populações miseráveis estão recebendo como esmola aquilo que deveriam exigir como um direito inalienável.

E esta a tarefa árdua que espera os colegas do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz».

Reiteramos a nossa confiança nesses colegas, na certeza de que conseguirão manter o prestígio que o Centro Acadêmico possuía quando nos foi entregue e que, acreditamos, conseguiremos conservar.

Seria truísmo afirmarmos simplesmente que vivemos num país subdesenvolvido e que o instante atual é o do desenvolvimento econômico.

Muito se tem dito, muita mistificação se tem feito no sentido de apresentar esse desenvolvimento como um processo harmônico que evolui ao som da sinfonia das máquinas. Acreditamos que o processo se dá de maneira paradoxal, pósto que a orquestra industrial abafa, ao fundo, o gemido que escapa dos lábios dos responsáveis por esse mesmo desenvolvimento.

Preferimos caracterizar o nosso subdesenvolvimento, não do ponto de vista econômico, o que seria até certo ponto uma impertinência, mas do ponto de vista médico-sanitário.

Isto não nos impede, no entanto, de analisar, embora rapidamente, o problema fundamental que é, sem dúvida nenhuma, a questão econômica.

Uma sociedade produz e evolui mercê do excesso da produção em relação ao consumo. A diferença entre a produção e o consumo da coletividade é o seu excedente econômico. A distribuição deste é que diferencia uma sociedade da outra.

Saber quem se aproveita desse excedente é que nos permite inferir se existem privilégios ou não, se o desenvolvimento se dá atendendo ou não às necessidades de toda a coletividade.

Queremos deixar como premissa que não acreditamos num processo desenvolvimentista de fachada que não tenha a preocupação fundamental de atender às necessidades das parcelas mais sofridas da população brasileira.

O instante atual deve ser o da afirmação dos fatores de evolução da sociedade: a moderna técnica, a automação progressiva, devem servir ao bem-estar de todos os indivíduos da coletividade.

O instante atual deve ser o da negação dos fatores de retrocesso dessa mesma sociedade: o desenvolvimento econômico deve processar-se de maneira tal que não se evidenciem no mesmo conjunto social largos privilégios de minorias ao lado de vastos sacrificios da imensa maioria.

O indivíduo que hoje ignora

os fenômenos sociais que sacodem toda a civilização, que se debate numa insatisfação palpável, está completamente desvinculado do seu meio. Está enclausurado em si mesmo. Está voltado para dentro, vivendo, dentro da sociedade, uma verdadeira vida de eremita.

O homem que habita em áreas subdesenvolvidas vive ou sobrevive como pode, em padrões sociais infra-humanos. Isto ocorre com a generalidade dos indivíduos, com o homem médio que vive em tais áreas.

Cria-se nessas áreas um círculo vicioso em que surgem como fatores predominantes a pobreza e a doença. O nome adoece porque é pobre; empobrece ainda mais porque está doente; piora progressivamente o seu estado de saúde na razão direta do seu pauperismo.

Para que se rompa esse círculo vicioso, que existe em amplas áreas do nosso país, é mister que deixemos de encarar-lo com olhos de meros espectadores aos quais não interessa o destino dos homens que para ele são arrastados.

Devemos participar efetivamente do processo de alcance das nossas populações sofridas a condições de vida compatíveis com o avanço técnico deste século. A nossa participação nesse processo é de fundamental importância, pósto que a nossa omissão criminosa fá-lo caminhar de maneira assustadoramente lenta.

O nosso homem vive em média quarenta e cinco anos. Essa média, confrontada com a dos outros países desenvolvidos, da ordem de setenta anos, deixa-nos estarrecidos.

A vida média do homem brasileiro é irrelevante, como dado de análise das condições de vida do nosso povo, quando confrontada com as taxas de mortalidade infantil. Estas oscilam entre quinze e vinte por mil nos países mais desenvolvidos. Em nosso meio atingem valores superiores a noventa por mil em algumas das cidades mais importantes do país.

Estes fatos não nos chegam a preocupar, tal é a nossa indiferença a problemas dessa natureza.

A análise das causas determinantes dessas taxas, que não são simples dados de estatística porque representam o sofrimento do nosso povo, nos conduziria a dois fatores capitais: a fome e as condições precárias de habitação.

Fome crônica, fome endêmica, que é uma constante em todas as áreas subdesenvolvidas. A dieta do nosso homem não satisfaz a nenhuma das leis que a devem reger. É qualitativamente falha, pois nela predominam alimentos de baixo valor calórico, o que a torna quantitativamente insuficiente.

Praticamente sessenta por cento da população da Terra consome menos de 2.200 calorias diárias, vivendo, portanto, em regime de fome. Já se vê que não é apenas o nosso homem humilde que vive explorado. São os humildes do mundo todo. São os homens que, independentemente da cor de sua epiderme, têm como traço de união a exploração a que estão submetidos.

Dos sessenta milhões de óbitos anuais que ocorrem na Terra, trinta a quarenta milhões são imputáveis direta ou indiretamente à fome.

Panorama trágico e vergonhoso que é suficiente para condenar toda a civilização Panoramica que se projeta em dois planos: no plano horizontal

entre regiões subdesenvolvidas e regiões subdesenvolvidas; no plano vertical, entre minorias privilegiadas.

Ninguém pode ignorar estes fatos. Ninguém pode negar estes dados.

Mesmo aqueles que se preocupam com a manutenção do atual estado de coisas não os negam. A solução que apresentam é, no entanto, deplorable. Acenam, os neomaltusianos, com uma limitação da natalidade, nos países subdesenvolvidos. Justificam-se, apresentando falsas taxas de incremento da natalidade que superam as do crescimento da produção.

No entanto, nenhum dos técnicos em agricultura e economia que tentaram determinar qual o número de habitantes que a Terra poderia alimentar no atual estado de evolução da técnica, encontrou menos do dobro da população atual.

As condições de habitação são precárias, não só na zona rural, onde o problema é mais agudo; também em grandes centros muitos homens vivem em favelas ou em cubículos sem ar e sem luz, incrustados em arranha-céus que dão boa impressão ao observador menos avisado.

A falta de rede de esgotos, a carência de água submetida a tratamento adequado, são outras tantas mazelas que se evidenciam claramente em nosso meio.

Se analisarmos estes problemas que, a rigor, não são médicos, mas antes para-médicos, é com a finalidade de fazer incidir a tônica em fatores determinantes do nosso subdesenvolvimento aos quais não se estende, aparentemente, a nossa capacidade de atuação.

Nossos estudos de Medicina Preventiva, de Sanitarismo, nos mostram que a solução de alguns problemas graves existentes entre nós é, técnica, simples. Mas não são resolvidos.

A nossa população vive roída pelos vermes. As nossas crianças apresentam desenvolvimento chocante. A capacidade de produção do nosso homem se vê diminuída brutalmente pelas suas precárias condições de saúde.

Embora tais problemas não nos estejam afetos diretamente, temos a obrigação de denunciar a incúria, ou a incompetência, daqueles a quem a sociedade incumbiu da sua resolução.

Esta denúncia inclui uma participação efetiva e intensa na vida do país. Uma participação política liberta de injunções de ordem econômica. É aqui que queremos ventilar o problema fundamental. É nesta participação que o médico se pode tornar um dos fatores essenciais no processo do desenvolvimento econômico do país.

Recebemos o nosso diploma. Somos médicos. Somos a nova geração de médicos. Estamos, no entanto, aturdidos. O cabedal de conhecimentos que adquirimos em anos de estudos é o nosso único bem de produção. É a nossa força de trabalho, que iremos vender, para viver.

Sabemos que a vida de médico novo não é fácil. Preferiria ele atender a doentes e não simplesmente formar clientela. Mas quem pode pagar o seu trabalho senão aqueles que normalmente se encontram em razoáveis condições de saúde?

Não raro recorre o médico novo a um emprego público, para se manter. Vai atender a população num Instituto. Encontra-se a si mesmo em tal atividade?

Acreditamos que não. A segurança do homem por medidas coletivas é um imperativo desde que nem todos a conseguem com recursos individuais. Surge, assim, a Previdência Social como um tipo de segurança coletiva do qual lançam mão as populações diante da incapacidade material de prevenir o seu futuro individualmente.

Em nosso país, os Institutos de Aposentadoria e Pensões, com receita fabulosa, repre-

sentam essa Previdência Social.

Ao contrário do que seria de esperar, em face da sua receita, o atendimento das populações por parte deles não é satisfatório.

Os departamentos de Assistência Médica desses Institutos funcionam péssimamente. Exerce-se ali uma medicina, pretensamente socializada, que não convence a ninguém.

Ao médico recém-formado se apresentam duas opções, e apenas duas. Ou se capacita ele do seu papel histórico na modificação da sociedade brasileira, ou se acomoda aos padrões tradicionais e, temeroso da tarefa árdua de abrir uma nova trilha, segue pela que já está aberta, atuando de maneira egoísta em função exclusiva da própria pessoa.

O reconhecimento da realidade nacional lança, portanto, um desafio à nova geração de médicos. A resposta a este desafio depende do sentido que ela der à sua profissão. Ou lança mão do conhecimento adquirido com um trampolim para galgar posições de relevo dentro da sociedade atual ou utiliza a ciência adquirida numa escola custeada pelo povo como instrumento de promoção da sociedade em que vive.

Se optar pelo primeiro caminho, procurará falivelmente emudecer os protestos da sua consciência, recorrendo ao assistencialismo. A satisfação que dará à miséria, que não pode ignorar, serão as consultas grátis, disputadas por filas intermináveis de indigentes.

Se estiver disposto a fazer da sua profissão um instrumento de luta na conquista do bem-estar da coletividade, sabe que a sua tarefa é incomensuravelmente mais difícil. Sabe que o papel inicial é o de estabelecer a dimensão social da sua profissão.

Deve encarar o grave problema da inadequação do ensino ministrado dentro dos suntuosos edifícios das escolas médicas de um país de populações paupérrimas. Mas aí vai esbarrar fatalmente em incompreensões. Inclusive aqueles que são sensíveis a estes problemas, nem sempre estarão dispostos a ajudar o novo médico na tarefa de fazer situar as escolas de medicina do país dentro da realidade nacional.

Só desta maneira poderá contar ele com companheiros que igualmente se disponham a levantar as condições de vida do povo brasileiro.

Não sendo isto realizável a curto prazo, recrudescendo a luta, aguçando-se as incompreensões, sobrevém a exaustão que faz com que a grande maioria dos que procuram uma nova fórmula abandonem a tarefa inicial.

Este o motivo fundamental por que está sempre no marco inicial a tarefa a que se lança, com ardor, a grande maioria daqueles que conseguiram ver claramente as necessidades, os sofrimentos e os anseios da sua gente.

Para que se dê o passo decisivo, o primeiro, é necessário que alguma geração de médicos se proponha à tarefa de sensibilizar os colegas mais velhos para esse problema. É fundamental que se faça ver aos que já se acomodaram ao estójo em que os colocou a sociedade atual, que é chegado o momento da revisão das posições, que o mundo atual exige sejam rompidas as amarras que nos prendem aos detentores do poder econômico.

O médico tem um papel relevante indiscutível na sociedade. Ele acompanha de perto o sofrimento daqueles que se debatem na miséria e na doença, e tem acesso ao corpo e ao espírito daqueles que lhe confiam o seu destino. Não pode, portanto, deixar de compreender que tem uma parcela de responsabilidade na manutenção de uma estrutura social injusta e arcaica.

A nós, médicos, jamais cabe calar quando a nossa consciência nos impõe o dever de clamarmos. Seremos coniventes toda a vez que deixarmos de (Cont. pág. 6)

NOVATROPINA  
LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO  
FILINASMA

# III.<sup>a</sup> bandeira científica

N. R. — Publicamos a seguir algumas considerações, colhidas ao acaso, de colegas que participaram da III Bandeira Científica do CAOC. Embora seja nossa intenção publicar em nosso próximo número uma extensa reportagem ilustrada, achamos interessante a apresentação destas notas, por se tratar de depoimentos pessoais variados, que encaram sob diferentes aspectos as regiões visitadas.

## A REALIDADE NACIONAL

A III BANDEIRA CIENTÍFICA além de alcançar plenamente seus objetivos, revelou, pelo menos às turmas que foram ao Norte, um aspecto da triste realidade nacional.

Enquanto em Belém do Pará o povo vive à mingua de recursos, na miséria, na desgraça e no completo abandono; enquanto vergonhosa epidemia de malária arraza a cidade de Macapá, enquanto o Nordeste resiste estoicamente às injustiças e ao desdém de que tem sido vítima; enquanto estrangeiros exploram nossas riquezas, como é o caso do Manganês no Território do Amapá, no Estado do Mato Grosso e outros pontos do país, o mármore dos palácios de Brasília não resiste à erosão do tempo, numa inconcussa demonstração do exagero que constituem as construções de Brasília.

Enquanto nações menos providas, chegam aos galáxios, nós dotados pela natureza, prodigamente, temos uma população em que vegetam oitenta por cento da totalidade, à escassez das primeiras letras, desnutrida, aguardando o óbolo que o governo esmoler entrega a eternos apañados.

Servos de fundas ambições, refocilam os dirigentes no leito macio que lhes concede o vil metal, metamorfoseando a fecunda beleza de uma escola de vida em instrumento cómodo de extorquir os pobrezinhos que integram o exército da fome e da inóipia neste país. Um dia bramindo como os rios e mares das enchentes cegas, alucinadas, a surda mágoa da população eclodirá.

A situação aí está, inscrita nos suetos da imprensa, história diária das ruas para os nossos olhos, e que os mandarins dessa decadência procuram arrotar a todo transe.

SARKIS TELLIAN

## JÁ PERTENCE A HISTÓRIA

Já pertence à história das realizações do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz a III Bandeira Científica.

A sensação do movimento realizado é dos objetivos alcançados, está neste ponto confortavelmente implantada dentro de nós.

De fato, a nossa satisfação é alta, pois assistindo à sua efetivação ficamos com a certeza de que o seu campo de atuação foi além das expectativas.

Quase 80% do atual 3.0 ano saiu pela Bandeira. Mas o número dos que participaram do empreendimento de uma ou de outra maneira vai muito longe. Nunca saberíamos precisar. Com efeito ao poder público, à iniciativa privada, ao povo e aos colegas em geral, cabem a glória de uma confiança total na realização. Assim se fez a III Bandeira Científica cujo balanço, ora olhado de relance mostra-se de uma envergadura notável: o Norte, o Nordeste e o Sul foram visitados; os planos de pesquisa cumpridos; experiências adquiridas em grande quantidade; contatos com os problemas nacionais de saúde assegurados; amizades efetuadas; idéias trocadas, compençando plenamente os esforços exigidos na preparação do movimento.

Agora estamos passando a responsabilidade da III Bandeira Científica para o atual 2º ano onde o entusiasmo pelo empreendimento

to já é manifesto; onde temos certeza, mais uma vez se fará um trabalho nobre e proveitoso em nome deste nosso Centro Acadêmico e desta nossa Faculdade de Medicina e deste nosso Brasil.

## BOANERGES

### PARANÓIA

E quando o 2.020 da F. A. B. sobrevoava as terras mineiras, quase duas horas



E' esta a realidade nacional?

após a decolagem em Congonhas, ele recostou os ossos no duro banco do DC-3 e entregou-se totalmente aos braços de Morfeu. E sonhou...

Finalmente chegara a sua vez. Depois de quase um ano de trabalho insano, ele agora iria ser o Chefe, o Dono Absoluto, o Comandante Supremo, o Mandante-Chuva das plagas amapenses. Poderia enfim dar vazão aos instintos por tanto e tanto tempo reprimidos. Daria tódas as ordens, faria (em mistério) todos programas, escolheria os pratos para o jantar. Dois pratos seriam mais do que suficientes. (Se comerem muito, trabalharão pouco). Só para acordar todos às quatro da madrugada ele nem dormiria; durante a noite, enquanto passeava ao redor do alojamento com sua lanterna mórbida, teria tempo de bolar as ordens do dia seguinte:

— "Vá ao DNERu!"  
— "Mas fazer o quê?"  
— "Onda!"  
— Separe o material! Vá ao alojamento! Lave as seringas! Vá ao DNERu. Vá ao Hotel! Ao alojamento. Ao DNERu! Ao Hotel!...

Ele vibrava. A noite era curta para tantos planos. Logo chegaria a madrugada.

— "Vamos turma! Todos em pé! Vamos ao trabalho!"

E lá iam todos ao DNERu onde teriamos de ouvir mais trezentos e dezesseis vezes como se preenche uma ficha, como se faz uma gôta espessa, como se usa "Repelex", e por favor, esfregaço se faz com sangue do dedo...

O prazer que lhe proporcionavam esses pensamentos era tamanho que até causava febre. Ele suave... Imaginava todos os dezenove infimos seres que estariam inteiramente às suas ordens. Dezenove, dezenove...

— "Mas, não eram vinte?"  
A dúvida enegreciu-lhe momentaneamente os olhos pensamentos: vinte ou dezenove?

Foi quando uma estridentíssima voz feminina o despertou:  
— "Acorde, estamos aterrizando em Uberaba!"  
E então ele reconheceu a voz do vigésimo personagem; e compreendeu que seus sonhos seriam mais uma vez frustrados...

BARONE

## DEPOIS DA BANDEIRA

Em Congonhas, já de volta, somente a chuva fina a nos receber. Recepção melhor impossível, pois havia consigo a personalidade típica de São Paulo, a terra da chuva fina; por que queríamos voltar, sentimos falta da terrinha.

O enevoado do tempo esfumava as últimas imagens da viagem. A mente repleta de quadros ainda

do uma vez só na vida, como espectadores, sim, estupefatos! Mas existiu...

E agora? Refletir sobre o que vimos e sentimos? Não, não há o que. Agir, como? Então é manter-se impassível e esperar o tempo limpar as manchas que nos apareceram, ou as encubra com espessa camada de pétalas de flores, para a vida ser um mar de rosas? Responda, bandeirante, responda...

MOACYR LUIZ LARGMAN



... ou esta?

## O HOMEM E A PAISAGEM

Dentre os inúmeros atrativos da nossa viagem ao RGS são dois os que mais nos impressionaram: a paisagem e o contato com o homem rural.

A zona da fronteira com o Uruguai, apresenta a paisagem típica dos campos do RGS. Lá, observa-se apenas vegetação rasteira, aparecendo de quando em quando grupos de árvores de coloração verde-escura, contrastando com a tonalidade mais clara dominante. Impressionou-nos o grande número de rebanhos de ovelhas, coisa bastante rara em terras paulistas e que eu particularmente, jamais havia visto.

Outro fato muito interessante da viagem foi o contato pessoal com o homem do campo: mantivemos demoradas palestras tanto com ricos estancieros como com humildes peões, esquiladores (tosquiadores) e lavradores. Através destes, pudemos observar a psicologia do "gaúcho" (na verdadeira acepção da palavra, este termo só é válido para o homem do campo) em seu habitat, dentro de sua própria residência. Verificamos serem alegres e essencialmente hospitaleiros; alegraram-se de serem visi-

so Estado onde as grandes fazendas de café, por exemplo, requerem um número muito maior de operários agrícolas.

Este fato é explicado por ser esta região quase que exclusivamente produtora de lã, e como sabemos o carneiro exige um menor trabalho braçal.

Observa-se nas estâncias um sistema de vida diferente do que estamos acostumados a ver: nota-se grande respeito e obediência do empregado em rela-

## RIS...TURI

Aquêle fisiologista, embora fosse um pão duro, tinha grande espírito científico. Quando soube que esposa tivera quadrigêmeos, calmamente planejou:  
— Vamos educar dois e deixar os demais como controle.

Quando a professora perguntou quem descobrira o Brasil o aluno, orgulhosamente, respondeu que fora seu pai, na classe ninguém se abalou.

De fato era verdade. Eles estavam em Portugal, em 1520.

Depois vem a história daquele sujeito, que nunca conseguia ler um livro, pois sempre que se propunha a fazê-lo era outono e no outono... as folhas caem.

E o filho do comunista respondia na aula de geografia:  
— Os mares mais importantes são: o mar Vermelho, o mar da China e o mar xismo.

Pela rua toda esburacada ia a moça em um taxi. Estaria, o motorista levando-a por um mau caminho?

Azarado mesmo era aquêle microbiologista.

Uma semana depois de haver descoberto um desinfetante que destrua qualquer bactéria, isolou uma bactéria resistente a qualquer desinfetante.

O homem é o único animal que se ruboriza — ou que tem razões para isso.

M. T.

A boa educação consiste em ocultar o alto conceito que temos a nosso respeito e o pobre conceito que fazemos dos outros.

M.T.

Escreva melhor com

**ESTILETE**

Caneta tinteiro



**OXFORD**

ESTILETE

(EX-TINTENKULI)

A última palavra de caneta moderna.

- A mais suave ao escrever
- Permite tirar muitas cópias de carbono
- Especial para assinar sobre selos
- Com agulha de limpeza automática
- Com grande depósito transparente de tinta

UM PRODUTO

**FRITZ JOHANSEN**

EXIJA NAS BOAS CASAS DO RAMO

**CASA BARONE**

FRUTAS NACIONAIS E

ESTRANGEIRAS

Parque D. Pedro II.º 326 - Telefone: 32-1644

São Paulo

# NOVO d. p.

(Continuação da 1.ª página)  
doiar aquele Departamento de melhorias há muito desejadas, como novas mesas, cadeiras, armários, cofre etc. tudo disposto de maneira bastante funcional, numa sala bem maior e melhor iluminada.

O ato festivo da inauguração aconteceu a 5 de Dezembro p.p., com a presença do Sr. Professor Dr. Eurico da Silva Bastos, Professor Dr. Carlos da Silva Lacaz, Dr. Dante Nese por parte da FMUSP, Francisco Humberto de Abreu Maffei, Presidente do CAOC e Dr. Antonio Xavier Neto, alto Diretor do Prociex, que proferiu a seguinte oração:—

"PROCIENX — a veterana casa brasileira a que nossa família Xavier se dedica há três gerações e há quase um século — tem uma história bonita de pioneirismo. É pioneira na indústria farmacêutica nacional. É pioneira na tomada dos novos rumos da produção de medicamentos científicos, quando os velhos laboratórios nacionais se decidiram a deixar de lado os chamados produtos populares, à sombra dos quais tiveram que nascer. É pioneira na campanha por uma maior aproximação entre a indústria da farmácia e o médico, aproximação que era, é e será sempre uma decorrência natural da própria identidade do objetivo de ambos: a defesa da saúde e da vida. E mais do



O colega Adalberto Fassina, então orador oficial do C.A.O.C., no momento em que agradecia o apoio recebido, em nome dos acadêmicos dessa Faculdade. À direita aspecto interior do novo D.P.

que uma consequência natural desta comunhão de objetivo, um imperativo deste objetivo comum, deste nobre e alto objetivo que só pode ser plena e vitoriosamente alcançado com a união dos esforços da indústria que produz os medicamentos com os do médico que os prescreve, buscando — ela e ele — o combate eficaz ao maior inimigo da criatura humana: a doença. Batendo-se por esta necessária, sagrada aliança, busca, também pioneiramente, assentá-la e cimentá-la sobre um novo esquema de colaboração entre os dois aliados, um alto e nobre esquema, digno da dignidade de ambos. Assim é que repudiando o velho sistema dos presentinhos e dos pequenos favores domésticos, partiu para iniciativas da altitude, do gabarito das bolsas de estudo, das jornadas Médicas, do Fundo Editorial Prociex. Iniciativas consagradas já pelo aplauso da ilustre classe médica brasileira que nelas encontrou

que precisamente elas significam: a colaboração capaz de honrar quem a recebe, honrando quem a oferece. A colaboração capaz de se situar na altura em que se situam uma classe que é nobre e uma nobre indústria. Este novo esquema de que o PROCIENX se orgulha — não estaria completo se visando o médico de hoje, se esquecesse do estudante que é o médico de amanhã. E por isso não o esqueceu. Nossa presença aqui, a presença do PROCIENX neste glorioso Centro Acadêmico Oswaldo para oferecer aos estudantes desta magnífica Faculdade de Medicina — orgulho legítimo da ciência de São Paulo e do Brasil — esta Sala Prociex que representa melhor aparelhamento para o seu Departamento de Publicações. Esta é ou não — respondi-me amigos acadêmicos — uma iniciativa digna daquele alto e nobre esquema de que viemos vos falar? É ou não uma iniciativa à altura daquelas

outras já mencionadas? Já tereis sentido que os pioneirismos que marcam a existência quasi secular do nosso PROCIENX não são palavras vazias e sem conteúdo mas fatos positivos e concretos, gloriosamente concretos e positivos.

Meus amigos:— Nossa empresa que vive e se orgulha de suas realizações pioneiras não poderia nunca, sem falhar gravemente a esta sua tradição — deixar de se engajar logo, e de maneira entusiástica, numa campanha nova e bonita, numa verdadeira cruzada que começa a sacudir a nação e o seu povo.

Referimo-nos — já o percebestes — à campanha pela preservação e pelo fortalecimento da indústria farmacêutica brasileira. Esta campanha só apresenta uma falha: tardou demais. Mas surge ainda a tempo de proporcionar condições de sobrevivência e de desenvolvimento a um grupo bastante expressivo de laboratórios realmente brasileiros. Convém fixar bem os princípios sobre que se assenta.

Ela não se dirige contra ninguém, mas apenas a favor do empreendimento nacional. Inspira-se na inabalável convicção de que defende interesses muito mais altos do que os interesses das empresas: os superiores interesses do país que não pode permitir o total desamparamento do empreendimento nacional no setor da essencialidade do medicamento. E congrega todos os que, compreendendo o seu elevado conteúdo patriótico, se mostram dispostos a trabalhar pela sua vitória. Vitória que depende, evidentemente, dos industriais farmacêuticos brasileiros. Mas

depende, também, da compreensão e do apoio dos poderes públicos da nação. E depende, substancialmente, da compreensão e do apoio dos médicos do Brasil. Façamos claro.

Como se deve falar aos moços. Quando afirmamos que nós — os industriais farmacêuticos brasileiros — reputamos essencial, indispensável o apoio dos médicos brasileiros para a sobrevivência da nossa indústria, o fazemos baseados num raciocínio simples, lógico, irrefutável: fabricamos medicamentos científicos cuja venda depende da receita médica. Sem a prescrição do médico não haverá venda. E sem venda, obviamente, não há empresa comercial ou industrial que sobreviva!

Dar-nos-ão as autoridades do executivo e do legislativo o amparo que lhes solicitamos. Assim o cremos porque cremos na sua visão e no seu zelo pelos interesses superiores do país. Ajudem-nos os médicos brasileiros com o apoio, traduzido de forma concreta numa decidida preferência pelos bons medicamentos dos bons laboratórios nacionais. Neste apelo colocamos todo o calor e toda a veemência resultantes da nossa já demonstrada convicção da indispensável, da imperiosa necessidade desse apoio. A alguém que possa estranhar a franqueza com que falamos deste apoio ou a veemência com que o pleiteamos poderíamos responder de forma categórica: não será correto, honesto, digno pedir aos médicos brasileiros que apoiem os laboratórios brasileiros? Não apoiam os povos cultos de todo o mundo o que é realmente seu?

Apoiar a iniciativa, o empreendimento, o produto nacional não é apenas correto, honesto e digno. É também patriótico!!!

Alicerçada sobre princípios assim limpos e dignos, inspi-

rada em interesses assim altos e coletivos, nossa campanha, a campanha pela preservação e pelo progresso da indústria farmacêutica brasileira há de vencer, por certo.

Trabalhem todos para que assim aconteça, para que nossa consciência não nos acuse amanhã de termos faltado com nossa cooperação para o êxito de uma causa tão legitimamente brasileira!

Meus amigos:—

De me alongar um tanto poderei me acusar. Mas não me acusarei de ter abordado assunto estranho a vós. Sols ou sereis médicos. E não há médico sem medicina, que o ajude a vencer a doença e a morte. Assim como não há medicamento sem médico que o ajude a vencer e a aperfeiçoar-se. E de que vos tenho falado senão do medicamento?

Do medicamento e do laboratório brasileiros? Ao vos oferecer esta "Sala PROCIENX", nossa empresa brasileira deseja deixar gravada, na perenidade do bronze, a mensagem de sua simpatia, de sua estima e de sua solidariedade aos bravos acadêmicos da Faculdade de Medicina de São Paulo, à Escola gloriosa que os acolhe e à nobre e ilustre classe médica que serão, em breve, ornamento e orgulho!!!

Em seguida, falou o Acadêmico Adalberto Fassina, orador oficial do CAOC, que em breves palavras também enalteceu a importância do incremento da indústria farmacêutica nacional, como parte da emancipação econômica do País; louvou o Instituto Farmacêutico de Produtos Científicos Xavier Prociex pelo seu pioneirismo neste setor e agradeceu, em nome dos Acadêmicos desta Faculdade, o apoio irrestrito que aquela importante indústria brasileira vem prestando ao Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

## CONDIÇÕES IGUAIS



**S M A**

alternativa para o leite materno oferece CONDIÇÕES IGUAIS de desenvolvimento do lactente

TRADIÇÃO E QUALIDADE A S.M.A. SERVIÇO DA PRÁTICA MÉDICA

IND. FARM. Fontoura-Mijeth S.A.

50x 260 P

## Otica Nova América

ROCHA & MALHO

PRAÇA JOÃO MENDES, 15

TEL.: 33-3088  
S. PAULO

## A GRAVATA SEIS VEZES PREMIADA

OS LANÇADORES DA MODA ITALIANA NO BRASIL



Bernardini & Cursi

Rua Visconde de Parnaíba, 360  
Av. Alcântara Machado, 355-359

Radial Leste

Telefone: 37-5605

São Paulo



**MILANO**  
Grande Marca

# o que se passa na argentina?

BERNARDO BORIS

A Argentina atravessa, diz a imprensa, a maior crise de sua história. Na realidade trata-se de uma manifestação aguda da crise latente desde os meses de 1955, quando o Exército, em nome dos interesses gerais da "propriedade" e da "decência" (o que se traduz, no caso por exploração e subordinação ao imperialismo) derrubou o governo de Peron.

Este havia tomado o poder em 1945, na crista de um movimento popular e operário com o qual todo um setor militar e burguês estava flertando desde 1943. O governo Peron, utilizando-se de milhões de dólares que a burguesia argentina havia acumulado durante a guerra e nos anos que se seguiram (com a venda ao mercado mundial de carne e de trigo), pretendia industrializar o país comprando a "paz social". Desta forma, enquanto montava fábricas de produtos industriais leves, pagava salários relativamente altos, estimulava certa organização sindical (não a ponto de ameaçar a propriedade, mas num nível suficientemente avançado, que lhe permitisse apoiar-se na opinião pública a cada momento em que necessitasse enfrentar os britânicos e americanos), enfim especulava com o movimento de massas.

Uma vez gastos os milhões acumulados durante a guerra e com a queda pronunciada do preço de trigo e carne no mercado mundial, a burguesia argentina precisou modificar sua política. Não mais se podia permitir altos níveis salariais, nem aceitar uma organização sindical que exigia, reivindicava, e não aceitava recuos na política social então em voga.

Desta forma Peron vai sendo abandonado pelos que o apoiavam. O imperialismo intervem e com a colaboração inclusive de muitos "esquerdistas" falsificados, derruba-se o governo. A "paz social" voltaria, a "democracia" estaria garantida... e também a propriedade privada, os lucros da burguesia portenha e do imperialismo.

Mas o movimento operário não assistia pacificamente à derrubada, não tanto da pessoa do presidente, mas de sua conquistas. E a organização sindical, indiretamente visada pelo golpe e a seguir diretamente visada pelas medidas do governo provisório, manteve-se intacta.

Em sua direção mantiveram-se velhos funcionários e burocratas peronistas, habituados a uma política de

"paz social" e de conciliação de interesses. Mas esta política era possível quando a burguesia argentina tinha com que comprá-la: hoje os fundos se esgotaram e a única política sindical possível seria o combate frente a frente, a guerra aberta de classes.

Fronzizi havia sido eleito por uma coalizão de peronistas, liberais, comunistas e socialistas. Pretendia-se iludir o povo, levá-lo a apoiar um governo destinado, pela situação econômica e social do país, a capitular permanentemente diante dos "gorilas" do Exército e diante do imperialismo. Sómente os trotskistas advertiram as massas de que o caminho correto não era o eleitoral, mas a luta por objetivos extra-eleitorais: um movimento operário depurado de dirigentes traidores, encampação das grandes firmas e seu controle operário etc...

Após a capitulação diária de Fronzizi, que aceita tudo contanto que o povo não vá as ruas, fica evidenciada correção de não apoiá-lo, nem aos peronistas nas últimas eleições. Nestas pretendeu-se mais uma vez canalizar eleitoralmente o sentimento revolucionário do povo; os peronistas apresen-

tavam-se abertamente como inimigos de Cuba (em que o povo vê a primeira revolução da America Latina), como anti-comunistas e inclusive como clericais. Visavam assim ganhar as boas graças da burguesia e do Exército. Mas atrás deles, atrás de suas palavras de ordem reacionárias, estava a classe operária que se centralizou eleitoralmente com seus até hoje dirigentes, mas mantendo permanentemente lutas que mostram o quanto as massas não acreditavam nas eleições como saída para seus problemas.

Hoje, quando os "gorilas" assaltam o poder e podem chegar a tomá-lo, quando todos "esquerdistas" de palavra falam em defesa da ordem e da Constituição, como se fosse possível levar o povo a defender o regime que o explora, evidencia-se que a única saída seria a revolução social, através da greve geral por tempo indeterminado e a tomada do poder pelas massas. Estas estão prontas, mas falta construir a direção apta a enfrentar nacionalmente, a reação social: o Exército, a Igreja, a burguesia e os próprios dirigentes sindicais que fazem o jogo do "statu quo" capitalista.

## cirurgia experimental

BERILO LANGER

Constitui motivo de alegria o fato dos alunos dessa escola terem seus interesses despertados para atividades científicas extracurriculares. Um desses exemplos é o que ocorre com as cadeiras básicas em que aqueles com pendor para as pesquisas têm relativas oportunidades de trabalho e de encaminhamento no futuro. Outro exemplo de indiscutível importância relaciona-se com a cirurgia experimental. Nota-se por parte dos alunos uma procura pelos corredores da Técnica Cirúrgica no sentido de darem os primeiros passos no treino da técnica.

A medida que aumenta a quantidade daqueles que estão se dedicando à cirurgia experimental cresce a importância dos objetivos desta e os subsídios que pode fornecer aos estudantes no sentido de sua forma-

ção médica. Cabe portanto abrir a discussão ampla em torno desse setor de ensino e de pesquisa.

Quando procuramos a Técnica Cirúrgica temos um objetivo imediato que é o de aprender e praticar o treino cirúrgico. Com o tempo, porém, constata-se que o que se pode retirar desse campo transcende ao simples traquejo manual. Talvez, mesmo, pode-se concluir que o que tem menos importância é isso. Aos poucos vamos ficando cientes da possibilidade da aplicação clínica do que se aprende no setor experimental. Quase todas as atitudes cirúrgicas da prática médica podem ser repetidas na atividade experimental. Por isso mesmo há uma tendência de se dar uma orientação aos alunos visando que se objetive na Técnica Cirúrgica um desenvolvimento paralelo ao que ocorre

O maior espectro anti-bacteriano!

# ESTREPTO QUEMICETINA

CARLO ERBA

A única associação a base de cloranfenicol e estreptomicina administrável por via parenteral, garantindo a ação contemporânea dos dois antibióticos.

**ação bacteriostática do cloranfenicol + ação bactericida da estreptomicina**

principalmente nas:

- Estafilococis
- Osteomielites
- Pneumopatis e Empiemas tuberculosos
- Coqueluche
- Febre tifoide — Bruceloses

Frasco-ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 1 g. de cloranfenicol e 0.500 g. de estreptomicina, acompanhado de uma ampola de diluente de 10 cm<sup>3</sup>.

Ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 0.250 g. de cloranfenicol e 0.125 g. de estreptomicina, acompanhado de uma ampola de diluente de 2.5 cm<sup>3</sup>.

PRODUTO LIOFILIZADO

*Carlo Erba do Brasil S. A.*  
Industria Quimico-Farmacéutica

Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 3465, Brooklin Paulista  
Fone: 61-6998 — Caixa Postal, 21.006 — SÃO PAULO

na clínica, isto é repertir-se experimentalmente todas as minúcias e detalhes que ocorrem nesta última. Realmente não cabem objeções a esta orientação. São melhores os frutos que se conseguem com essa conduta. Porém, o que se observa na cirurgia experimental atualmente é a omissão de se realizar trabalhos científicos e enquadrar neles os alunos. Evidentemente muitas vezes os alunos participam desses trabalhos, mas não se pode negar que essa atuação se restringe à colaboração técnica. Falta realmente uma nova orientação, qual seja a de des-

partar nos alunos a iniciativa própria e o interesse por se realizar algo mais que a simples prática da técnica. Deve-se criar uma mentalidade de se procurar na cirurgia experimental a realização de investigações científicas e assim ampliar as suas finalidades. Muito maior proveito terá a pesquisa médica se se introduzir na cirurgia experimental uma conduta de trabalhos científicos e os alunos desde já, familiarizarem-se com ela. Com isso se objetiva não restringir a rotina de pesquisa às cadeiras básicas.

A cirurgia experimental é um campo imenso para a prática científica. E é isso que precisa ser transmitido de maneira que os alunos possam sair da Técnica Cirúrgica com uma mentalidade de menor aplicação técnica e de maior objetivo científico. Um grande passo será dado se começarem a aparecer os trabalhos de pesquisa comandados pelos alunos. Talvez poderemos inclusive pensar numa disciplina chamada Cirurgia Experimental — de finalidade não só técnica mas fundamentalmente de pesquisa — subordinada às cadeiras clínicas.

**CITROBRASIL S. A.**  
FILIAL EM LIMEIRA  
Rua Tiradentes, 903 à 943 - Cx. Postal, 120

•

Rua Senador Queiroz, 645 - 3.º andar  
SÃO PAULO

**HOSPITAL SANTO ANTONIO DO TUCURUVI' LTDA.**  
(PRONTO SOCORRO E MATERNIDADE)

MÉDICOS:

- Dr. Gunther Hannes
- Dr. Ruben dos Santos
- Dr. Jurandir M. Salles
- Dr. Emilio M. Marini
- Dr. Georges C. Zissimopoulos
- Dr. William Gianullo

Partos - Operações - Raios X - Fraturas - Exames de Laboratórios  
Ondas Curtas Ultra Violeta Infra vermelho Transfusões de sangue Soro Oxigênio Inalações de penicilina  
Operações de amígdalas

CONSULTAS A QUALQUER HORA

Avenida Tucuruvi, 842 — Telefone 3-8167 — São Paulo

**Tetrin**  
N-(pirrolidinoetil) tetraciclina

derivado de síntese da tetraciclina

**2500** vezes mais solúvel para uso injetável

VANTAGENS DO I.M. VANTAGENS DO I.V.

Injeções menos dolorosas que as demais tetraciclina  
Absorção rápida e eficaz no local da aplicação  
Níveis sanguíneos elevados e duradouros  
Uma única injeção diária

Níveis sanguíneos elevados e duradouros  
Injeção direta na veia\* (350 mg em 10 cm<sup>3</sup>) em apenas 2 minutos  
Completamente indolor  
Sem os inconvenientes das injeções demoradas (gota a gota)

apresentações:

- TETRIN ENDOVENOSO - 700 mg  
Cada frasco-ampola contém: N-(pirrolidinoetil) tetraciclina... 700 mg
- TETRIN ENDOVENOSO - 350 mg  
Cada frasco-ampola contém: N-(pirrolidinoetil) tetraciclina... 350 mg
- TETRIN I. M. - 150 mg  
Cada frasco-ampola contém: N-(pirrolidinoetil) tetraciclina... 150 mg
- TETRIN I. M. - 350 mg  
Cada frasco-ampola contém: N-(pirrolidinoetil) tetraciclina... 350 mg

absorção rápida e eficaz no local da aplicação intramuscular

LABORTERAPICA-BRISTOL S. A. - Ind. Química e Farmacéutica  
RUA CARLOS GOMES, 924 (SANTO AMARO) SÃO PAULO

ser procurada em termos de «reajustar» a máquina. E o progresso que se seguiu foi tremendo, embora forçoso seja admitir que o lado emocional da doença passou a ser quase completamente negligenciado.

Atualmente podemos ver de modo nítido que a Patologia se divide em duas porções heterogêneas: uma, considerada mais avançada e científica, inclui todos os transtornos que podem ser explicados em termos fisiológicos e bioquímicos (érrros metabólicos, distúrbios hormonais e circulatórios) e uma segunda, justamente a menos científica, onde se coloca aquê le grande amontoado das enfermidades de obscura, mas frequente origem emocional.

Dentro do H.C. mais de uma vez nos é dito, ao longo da exposição dos característicos de uma determinada entidade patológica, que se admite a existência de fatores «centrais» na sua gênese ou no agravamento da mesma. Note-se, porém, que se emprega a palavra, «central» e não «psicogênica».

Força-se cada vez mais a compreensão da doença dentro de um esquema de causa e efeito de fundo estrutural orgânico. E quando a infecção ou outra teoria qualquer falha, o consólio do Clínico Moderno está em esperar que no futuro se conheça maior número de detalhes do processo orgânico e

então o fator psíquico possa ser definitivamente afastado.

Nesta altura dos acontecimentos, no bom sentido das palavras de Charcot, vemos um professor de Clínica Médica instituir em sua Cadeira um Serviço de Medicina Psicossomática. Não uma nova especialidade, mas, isso sim, um novo ponto de vista, que se aplica a todos os aspectos da Clínica e da Cirurgia.

A Dra. Flanders Dunbar criara, em torno de 1935, o primeiro Serviço de Medicina Psicossomática nos E.E.U.U.. Mas a Dra. Dunbar tem formação psicanalítica. Admite-se portanto que um clínico necessite discernir e visar para introduzir em nosso meio tal forma de «approach» das doenças. Congratulamo-nos com o Prof. Luis Decourt por essa tomada de posição corajosa, que nos vem colocar em condição de igualdade em relação aos mais atualizados centros médicos da Europa e dos E.E.U.U..

Numa época em que em nosso ambiente de ensino o ponto ainda é visto não como todo indiviso, mas como um mero possuidor de órgãos, de um estômago ou de um fígado doentes; numa época em que notamos em nosso ambiente de ensino viva discrepância entre a atitude oficial-teórica e a ativa-prática de professores, docentes e médicos; numa

## que importa...

BOANERGES

Que importa a vida,  
A lei, o direito, o romance e o mendigo.  
De que vale o riso?  
P'ra que serve o pranto?  
O amor, a luz, o mar.  
Por que existem?  
E Deus também...  
Afinal, que é?  
Na infinidade de infinitos tempos  
Ninguém sabe.  
Mas que importa?  
Na negação das nadas, que é que vale?  
Nada.  
E é nesta indiferença inelutável das indiferenças,  
Que ajo, faço, desfaço, vivo e morro...  
E vou vivendo.

época em que seus trabalhos científicos para associações médicas enfaticamente destacam a necessidade de se conhecer com mais detalhes os processos bio-patológicos e bioquímicos, ao passo que em sua prática privada aconselham sem vacilações um paciente hipertenso que leve a vida mais seriamente, procurando mostrar-lhe com insistência serem sua hipervitalidade e desmedida ambição frente a vida, as fontes reais de sua hipertensão arterial. Num momento como esse não poderia ser mais portuna a iniciativa do Prof. Decourt, no sentido de por termo a essa tradicional e

viciosa dicotomia entre o soma e o psiquismo.

O atual terceiro ano já está tendo aula de Propedêutica psicossomática. Para que, dentro do realismo das palavras de Charcot, lhes seja ensinado agora, e possam eles diagnosticar mais tarde, as intercorrências emocionais dentro do quadro do mal orgânico. Descortina-se assim, para os alunos da Faculdade de Medicina, através do empreendimento pioneiro do Prof. Decourt, aquilo que poderíamos considerar como o início de uma nova era para o aprendizado da Medicina.

João Fanganiello Neto

## Discurso da 44.<sup>a</sup> turma

(Cont. da pág. 2)

denunciar a situação calamitosa em que vive aquela parcela da população responsável direta pela produção da riqueza do país.

A nossa tarefa fundamental consiste em fazer com que se torne eficaz a resposta do médico aos problemas colocados pela realidade brasileira. Isto se tornará mais simples na medida em que contarmos com quadros de profissionais que se disponham a lutar sem trégua contra o obscurantismo daqueles que pretendem, a qualquer preço, com luvas de pelica, mas com garras de aço, a manutenção dos padrões por que se rege a nossa sociedade.

Para esta tarefa que estão convocados aqueles de quem, ao darmos o saldo de qualidade, passando de estudantes a médicos nos tornamos nesta data colegas.

Colegas não porque temos, todos, o título de doutores em medicina.

Seremos colegas se nos dispusermos a lutar, juntos, num processo que leve toda a sociedade a desfrutar dos bens criados pelo desenvolvimento econômico.

Seremos colegas a partir do instante em que nos virmos, lado a lado, a denunciar o aviltamento do homem humilde; a partir do instante em que deixarmos o luxo dos nossos consultórios para ir em socorro das populações rurais; a partir do instante em que fizermos chegar as nossas

vozes ao ouvido dos poderosos, bradando a nossa insatisfação e a de todo o povo, do qual somos parte.

Deixemos as posições cômodas e participemos de um processo que é irreversível. Caso contrário, não tentarmos dúvida, seremos envolvidos e arrastados por ele.

Devemos assentar alguns princípios, que formalmente são aceitos por todos, mas não são postos em execução.

O instante histórico não é o dos comodistas. O instante histórico é o dos homens de espírito aberto, que se devem colocar definitivamente na posição que é exigida pelo mundo dinâmico de hoje.

Estatísticas publicadas recentemente afirmam que mais de sessenta por cento dos alunos desta Faculdade não têm vocação para a medicina.

Queremos, sem entrar no mérito da justeza dessa conclusão afirmar de público que, se ser médico é ser acomodado, é aceitar sem discussão a continuação do atual estado de coisas, para essa medicina, nós, realmente, não temos vocação.

São estas as nossas dimensões.

Acreditamos que sejam as dimensões de todo o povo brasileiro.

Quem assim a desejar, que nos acompanhe na tarefa de fazer com que o outro membro da equação, a estrutura social do país, tenha também estas dimensões.



Autocapas - Capotas  
Tapetes - Borrachas  
Vidros - Guarnições etc.

CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL  
AOS ACADEMICOS E MÉDICOS DA F.M.U.S.P.

# Casa Osmano

OSMANO UNGARETTI

Oficina 1

RUA REGO FREITAS, 285

FONE, 37-2647 -- SÃO PAULO

## POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGÉLICA

Camillo Morelli & Irmão Ltda.

Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha Texaco.

GASOLINA MOTOR OLEOS GRAXA ACESSÓRIOS

Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis.

ATENÇÃO E CORTESIA — Confiam os seus carros ao POSTO DE SERVIÇO

TEXACO ANGÉLICA os Médicos, Alunos e Funcionários do H. C.

## Indicador Profissional

**QUIMIOTERAPIA ANTI-NEOPLÁSICA**  
Serviço Especializado — DR. ANTONIO CARLOS C. JUNQUEIRA — R. Santa Cruz, 398 Tel. 70-0141 ramal 30 S. Paulo

**CLINICA DE OLHOS ARMANDO GALLO**  
Viaduto 9 de Julho, 181 - 9.º andar - Tel. 35-4159 - S. Paulo

**Dr. Nelson Augusto Pedral Sampaio**  
Ex-Interno do Hospital das Clínicas — Obstetrícia e Ginecologia — Cons.: Rua Carlos Sampaio, 304 - 9.º andar - ap. 91 — Tel. 36-4989 — Res.: Av. República do Líbano, 592 — Telefone: 80-6559.

**CLINICA "PROF. MARIO DEGNI"**  
Cirurgia Geral - Cirurgia Torácica, cardio-vascular do Ap. Digestivo. Consultas com hora marcada  
R. D. VERIDIANA N.º 661 - Tels. 34-4444 - 35-9700 - S. Paulo

**PROF. DR. JOSE' MEDINA**  
Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina — Moléstias de Menstruas — Partos — Operações — Consult.: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1234 — Tel. 32-2902 — Resid.: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1030 — Tel. 32-7073 - Consultas das 14 as 19 hs

**DR. ARNALDO CALEIRO SANDOVAL**  
Médico Clínico — Doenças internas, especialmente das glândulas de secreção interna — Consultório: Av. Paulista, 2669 Tel. 51-9666 — Resid.: Av. Paulista, 1793 Tel. 31-3781

**DR. NELSON CAYRES DE BRITTO**  
Cirurgião — Consult. Rua 7 de Abril, 230 - 4.º andar - Tel. 34-1525 — Resid. Rua Cardeal Arco Verde, 650 Tel. 5-3692 — São Paulo

**DR. JAIME ABOVSKY**  
MÉDICO  
Rua Itapeva, 500 3.º andar Tel. 34-7802

**DR. NOBERTO BELLIBONI**  
Moléstias da Pele — Alergia — Sífilis — Livre Docente da Clínica Dermatológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Consult.: Praça da República, 386 - 9.º andar - Conj. 93 — Consultas com hora marcada — Tel. 36-5141 — Resid.: Rua Bueno de Andrade, 708 Apt. 4

**DR. CLAUDINO DO AMARAL**  
CIRURGIA EM GERAL  
Consultório: Rua Sete de Abril, 235 - 4.º Tel. 34-7517  
Residência: Rua Brigadeiro Galvão, 127 — Tel. 51-2665

**DR. AURÉLIO ANCONA LOPEZ**  
Chefe da Clínica Dermatofisiológica do Hospital Municipal e da Cruzada Pró-Infância — Doenças da Pele e Sífilis Consultório: RUA MARCONI, 138 - 4.º And. Tel. 34-1771  
Residência: RUA MANOEL DA NOBREGA, 151 - Tel. 70-6951

**DR. DOMINGOS ANDREUCCI**  
Docente-livre de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Cons.: R. Xavier de Toledo, 210 - 6.º - conj. 61 - Tel. 34-2919  
Residência: Rua Haddock Lóbo, 841 - Tel. 31-2529

**DR. LEVY DE ALMEIDA**  
UROLOGIA — Ex-Chefe de Clínica Urológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Cons.: Rua Xavier de Toledo, 105 - 5.º - Cj. B - Tel. 37-1296  
Residência: Rua Chilon, 201 Tel. 80-6974 — São Paulo

**DR. T. A. SANTOS ABREU**  
(Médico do Manicômio Judiciário) — Clínica Psiquiátrica e Psicossomática — Hípnose — Doenças Mentais — Estados Neuroticos — Desajustamento Social  
RUA MARCONI, 34 6.º Andar - Conj. 61 - Tel. 34-8956  
(Diariamente das 14 às 18 horas)

**DR. ORLANDO APRIGLIANO**  
DOENÇAS DOS OLHOS  
Cons.: Rua Xavier de Toledo, 316 6.º andar - Tel. 34-3038  
Residência: Rua Abílio Soares, 1455 - Tel. 70-4170

**DR. ATHOS AMARAL**  
Traumatologia e Ortopedia — Membro Titular da Sociedade Brasileira de Traumatologia e Ortopedia  
Consultórios: Hospital Cruz Azul - das 11 às 13 horas e Rua Itapeva, 636 - das 16 às 18 horas — Telefone: 32-0099  
Residência: Rua Victor Brecheret, 26 Telefone: 70-5096

**Dr. Francisco Alcântara Garcia da Silva**  
MÉDICO — Insc. C.R.M. 728 — Ouvidos - Nariz - Garganta Consultório: Rua Conselheiro Crispiniano, 20 - 2.º andar - Sala 205 - Telefone: 35-3896 - Das 14 às 16 horas  
Residência: Rua Joaquim Antunes, 1035 Telefone: 8-4862

**DR. ARY LOPES DE ALMEIDA**  
Moléstias do Aparelho Digestivo  
RUA ITAPEVA, 500 — 8.º ANDAR — TEL. 34-3276

**DR. ALVARO DINO DE ALMEIDA**  
Cirurgia Geral — Docente Livre de Clínica Cirúrgica, de Técnica Cirúrgica e Assistente de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Cons.: AV. PAULISTA, 2394 - 1.º Andar Tel. 31-4323  
Residência: AV. NOVE DE JULHO, 4017 Tel. 8-8766

**DR. JOSE' KNOPLICH**  
MÉDICO — C.R.M. 9040  
Clínica de Crianças e Adultos — Operações e Partos — Consultório: Av. General Ataliba Leonel, 3394 — Residência: Av. General Ataliba Leonel, 3510 — Atende-se dia e noite.

**CLINICA MEDICO-CIRURGICA TUCURUVI**  
Clínica de Adultos e Crianças — Ginecologia e obstetrícia  
Diretor: Dr. ELIAS SITCHIN  
Dr. LUCIO MORGAN PASSAMAIA  
Telefone 80-5223 — Resid. Rua Enótria, 857  
Avenida Tucuruvi, 309 — Atende Dia e Noite

**L E I A** os últimos livros do  
**PROF. ALMEIDA PRADO**  
As doenças através dos séculos  
Escolas de ontem e de hoje  
Palácio do Livro e em todas as livrarias

# medicina nos esportes

## esta página

OSSAMU BUTUGAN

Esta página é uma decorrência da nova fase d'«O Bisturi». Iniciamos o nosso primeiro número do ano com a firme intenção de trabalhar e realizar algo de útil em prol do esporte da Med.

Entendemos como nossa missão a de informar e orientar os leitores do movimento esportivo interno e, principalmente, a de apoiar medidas concretas e honestas, a de criticar construtivamente ou a de elogiar atos da A.A.A.O.C., bem como, o procedimento dos atletas, quando o merecerem.

Estaremos estimulando, apoiando e divulgando todas as iniciativas justas e sadias que visem o engrandecimento da Med. Colaboremos todos, alunos, médicos, professores, com a Diretoria da A.A.A.O.C., que está trabalhando ativamente na reforma da Atlético. A construção do vestiário feminino, do muro, da remodelação da pista de atletismo, do campo de tênis, do campo de futebol, do vestiário masculino, do vestiário de futebol, são somente alguns dos pontos visados pela atual gestão. Vamos todos, trabalhar com a A.A.A.O.C., pois, assim estaremos engrandecendo o nosso patrimônio e concorrendo para o bem estar da família Med.

A vocês, calouros, antes de mais nada, as nossas felicitações por terem vencido, talvez, a mais difícil barreira de toda a sua vida: o exame vestibular da Pinheiros. A Faculdade e o C.A.A.O.C. e em particular a A.A.A.O.C., os recebem de braços abertos. Desejamos que vocês procurem «viver» a Faculdade, o mais breve possível. Pensa-

mos e achamos que a maneira mais fácil e mais correta de se entrar em contato com o Centro, com a Atlético e principalmente com a prática do esporte. Pois, o esporte sadio e honesto é o verdadeiro campeão do cultivo de amizades. Convidamos, por isso, todos vocês a colaborar, em especial, com a A.A.A.O.C. Esta colaboração pode ser feita de várias maneiras. Por exemplo, praticando alguma modalidade esportiva, ou auxiliando no trabalho da reforma do nosso Estádio.

Você não pratica nenhum esporte? Não faz mal. Comece a aprender a nadar, a lutar judô, a jogar basquete, ou qualquer outro esporte de sua preferência, pois, para isso temos à sua disposição e à sua espera a nossa Praça de Esportes.

Vai tomar o seu tempo de estudo? Nada disso. Não desejamos prejudicar os seus estudos; mas que aproveite bem o seu tempo; lembre-se da hora do almoço, por exemplo, quando você poderá dar uma escapada ao Ginásio de Esportes e verificar o benefício que o Sol, o esporte, faz à sua saúde. Podemos deixar fugir uma oportunidade dessas para praticar ou aprender alguma modalidade esportiva? Nunca. Então, que está esperando? Mãos à obra.

Finalizando, comunicamos que esta página estará à disposição de todos e à espera de sua colaboração. Se você tiver alguma notícia, sugestão ou crítica a fazer, contemos, ou melhor, escreva-nos, e a mesma será publicada, pois esta página é sua.

## xadres na a a o c

Advirto os colegas que o título se refere ao jogo famoso e não à cadeia ou coisa parecida. Isso precisa ficar bem claro, pois há inúmeros sócios do CAOC que nunca espiaram dentro de uma certa saleta no porão. Não é à toa que há tantos anos não ganhamos essa modalidade de esporte na MAC-MED.

Culpa de quem? Dos «xerifes», dos nossos jogadores em geral, dos diretores da Atlético, dos professores da FMUSP que impingem segundas épocas aos nossos mestres, ou dos próprios jogadores do MAC?

Provavelmente, a origem de nossas derrotas, está nos nossos jogadores que com algumas felizes exceções não conhecem um sistema realmente eficaz para melhorar seu jogo.

Apesar de não querer aborrecer os leitores explicarei em poucas linhas alguns dos segredos do xadrez.

Como já repeti, inúmeras vezes, em aviso aos nossos enxadristas, não adianta perder horas e mais horas jogando entre «patos» pois isso não melhora de um «átomo» a qualidade do jogo. É preciso, antes de mais nada, estudar bons livros dos quais destaco dois: Xadrez Básico «Orpheu D'Agostini» e o magnífico e nunca demais elogiado Tratado General de Xadrez (R. Grau), em quatro volumes.

Mas uma parte da culpa cabe também aos diretores da modalidade por não terem sabido traçar «planos de ação» de modo a entusiasmar os jogadores e melhorar seu nível técnico.

Em relação aos diretores da Atlético, só podemos expressar palavras elogiosas por nos terem dado todo o apoio possível.

Mas, depois de toda essa exposição, pergunta-se: o que será feito esse ano para vencer na MAC-MED e demais provas?

Para deixar os nossos caros «adversários» temerosos de perder a disputa, por eles já considerada «no papo», é preciso fazer muita coisa.

É necessário que os nossos melhores jogadores entrem no Clube de Xadrez de São Paulo, que estudem e recebam aulas, que se organizem simultaneamente com jogadores de 1.ª categoria, que se façam campeonatos internos e externos de estímulo e que se procurem novos valores entre os calouros.

Sómente assim poderemos ter esperança de vencer.

Mas boa vontade não falta, mãos à obra. Luigi

pretende levar a efeito neste ano, será a prática de treinos para principiantes em algumas modalidades esportivas, tais como o voleibol, cestobol, atletismo, natação e polo-aquático. Para dirigirem estes treinos seriam convidados colegas que se interessassem em levar adiante a idéia.

A finalidade é óbvia. Seria a formação e aproveitamento de novos atletas em nossas equipes, pois, após alguns meses de ensinamentos, eles estariam aptos a treinar juntamente com os nossos melhores valores. Qualquer aluno poderia colaborar. É só passar na sala da A.A.A.O.C., deixar seu nome e firmar o compromisso de participar ativamente nos treinos.

Esperamos passar, neste logo, a idéia para a prática e para tal os diretores de modalidades estarão incumbidos de providenciar os treinos para principiantes, cujos horários e locais ficam a seus critérios. Carrazza

## atlética e calouro

Foi por volta de 1941 que começou a surgir o Estádio do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» dos alunos da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Começou com a idéia lançada por Nairo Trench de construir-se uma piscina. Coube a Carlos Costa, Raul Braga, Guilherme Couto Escher tornar realidade aquela intenção. Em 1933 era inaugurada com grande jubilo a segunda de São Paulo.

Após esse período de grandes realizações, que vieram engrandecer nosso patrimônio, por falta de continuidade administrativa ficou nosso Estádio relegado a segundo plano. Trinta longos anos se passaram e a partir de 1960 começou-se a pensar novamente em desenvolver nossa praça de esportes.

Em 1961, após serem superadas as dificuldades financeiras do passado, surgiram as primeiras obras. O que devemos fazer agora é lutar para que elas continuem. Engrandecendo nosso patrimônio estaremos engrandecendo o Centro Acadêmico.

Ao escrever essas poucas linhas, dirijo-me especialmente a você calouro. Em você são depositadas mul-

tas esperanças. Não nos desapontem. Muitas são as formas de colaborar. Sabam uma coisa, que procurem frisar desde já: em todo trabalho que realizarem receberão mais críticas que reconhecimentos. Procurem pois, desde logo, lutar tendo em mente as sábias palavras do agora Dr. Raul Braga: muitas críticas nos

são feitas, mas elas se desfazem com o tempo. O que foi construído, realizado, isso não passa. Os momentos perdidos para alcançar nosso intuito se gravam em nossa memória, deixando-nos a sensação agradável de alguma vez termos sido úteis, e concretizado algo em benefício de nosso Centro.

MARCIO FALCI

## d. f. nos esportes

Qual a Faculdade que possui um centro de esportes como o que nós possuímos? E sabemos aproveitar bem esse privilégio? São poucos os que sabem, principalmente nós, moças. E como é delicioso dar uma escapada para a Atlético na hora do almoço: jogar vôlei, nadar, praticar um pouco de atletismo. O bem estar que sentimos depois disso a nada se compara. Além de fazer bem a saúde, lá nós esquecemos por alguns momentos todas as nossas preocupações e aborrecimentos e na beira da piscina, enquanto tomamos sol

podemos «bater um papo» gostoso com os colegas e outras pessoas. E vocês que gostariam de emagrecer um pouco, o que estão esperando? Regime só não adianta. A melhor coisa para diminuir o peso é praticar regularmente algum esporte. Não podemos deixar fugir essa oportunidade, principalmente para podermos defender o nosso CAOC nos campeonatos como esportistas de verdade e com todo o orgulho. Vale a pena desermos para a Atlético, nem que seja para ouvir uns tradicionais palavras do Albino.

HELOISA LOTUFO

## três tópicos

1 — Não há dúvida que 1961 foi um bom ano esportivo para a nossa A.A.A.O.C., no que diz respeito aos Torneios e Campeonatos (um tanto atribulados, é verdade) Oficiais da F.U.P.E. Tivemos vários títulos de Campeonatos Universitários Paulistas: Natação e Atletismo feminino, Futebol de Salão e revezamento Acadêmico, além de outros individuais, conquistados por nossos colegas. A todos eles os nossos cumprimentos por elevarem cada vez mais o nome da A.A.A.O.C.

Há pessoas que querem desmerecer estes títulos alegando baixos índices nas competições; é preciso então que se esclareça que em nada diminuí os nossos feitos, pelo simples motivo de que algumas associações não participaram intensamente dos campeonatos fupenses. Nós, lá estávamos para defender as nossas cores e o fazíamos de maneira honrosa. E, foi pela assiduidade, pela colaboração, pela dedicação desinteressada ao esporte que conquistamos estes altos postos.

Neste início de 1962 já temos o calendário esportivo da FUFPE elaborado. Apresentam-se árduas disputas pela frente e precisaremos da colaboração de todos. A dedicação pessoal de cada atleta, quer em treinos, quer em jogos, nos trará outras vitórias como recompensa natural.

Estariamos satisfeitos se este artigo alcançasse o objetivo que agora torna-se evidente; trata-se de um apelo à boa vontade de todos para com o esporte em nossa Faculdade. A Diretoria Geral de Esportes entende que para desempenhar suas funções satisfatoriamente deverá apoiar-se em certas normas de conduta. Assim, não admitiremos, em hipótese alguma a ausência em treinos ou jogos alegando unicamente o velho chavão: «eu precisei estudar». Ora, o bom esportista é organizado, previdente; ele sabe perfeitamente equilibrar o tempo de estudo com a prática de es-

portes, passeios e trabalhos. As faltas serão justificadas quando os treinos ou as competições coincidirem com plantões, estágios, e trabalhos vários de nossos atletas. Neste sentido os sexto-anistas contarão com a nossa benevolência.

Outro ponto importante a nosso ver será a obediência aos horários em treinos ou disputas oficiais. Um elemento que se atraz, prejudica o bom andamento de uma nova tática qualquer. Portanto, aqui vai (e não seria demais insistir) um outro apelo a cada um dos atletas: a observação rigorosa do horário.

Finalmente, queremos alertar nossos colegas para a parte disciplinar esportiva. A Diretoria atual houve por bem iniciar uma campanha moralizadora do esporte em nossa Faculdade e mostrar-se-á intransigente neste ponto. Em uma disputa ou em qualquer parte das dependências da A.A.A.O.C. nossos associados distinguir-se-ão pela boa disciplina. Baseados nos artigos do capítulo IV, título II dos novos estatutos da «Atlética já foi criada a Comissão Executiva que julgará os eventuais casos disciplinares»

2 — Já estão prontos e aprovados os estatutos que regerão o TORNEIO INTER-CLASSES dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que provavelmente realizará-se-á no mês de abril vindouro.

Elaborados por nós e visando a uniformidade e a tradicionalização dessas disputas, é de se esperar um êxito completo do Torneio, visto que os atletas e esportistas de nossa Faculdade já se comprometeram em dar o apoio e prestar suas preciosas colaborações. Desde já, estamos agradecidos

3 — Uma inovação que a Diretoria Geral de Esportes

## Indústrias

# ANDRADE LATORRE

## S. A.

RUA SÃO BENTO N.º 41 Estado de São Paulo - Brasil  
CAIXA POSTAL, 17 JUNDIAÍ

## Fósforos ARGOS e GUARANY

### Bons Produtos de Jundiaí

Fabricantes de:

COFRES  
ARQUIVOS  
FICHÁRIOS  
MESAS  
MAPOTECAS  
ARMÁRIOS DE  
ESCRITÓRIOS  
E BANHEIROS

MÓVEIS DE AÇO

# PADRÃO

Dirija-se à

PADRÃO INDÚSTRIA METALÚRGICA E COM. S. A.

Av. Celso Garcia, 3215 — Fones: 9-3165 e 35-9097

End. Telefático: «PADROLITA»

Caixa Postal, 10636

SÃO PAULO — BRASIL

# noticiando e comentando

# discurso do representante dos bolsistas latino-americanos

**TEATRO UNIVERSITÁRIO:** Já ganha corpo na UEE a idéia da formação de grupos teatrais compostos pelos universitários paulistas. As atividades dos conjuntos, por enquanto, restringem-se a um curso sobre teatro a cargo do conhecido ator Eugenio Kusnet, no Teatro Oficina. Mas existem planos para grandes realizações uma vez formados os elencos: excursões pelo interior, apresentações de peças nos sindicatos, fábricas, festivais de teatro amador, etc. E, sem dúvida, uma grande iniciativa que deve merecer irrestrito apelo dos universitários bandeirantes.

**VESTIBULAR:** ★ Muita novidade apresentou o vestibular de 1962. Foi mudado o sistema de exame, ao que parece será melhor estruturado, possibilitando uma seleção mais eficiente. O número de vagas aumentou de repente com muita bronca por parte de alguns, enquanto o número de candidatos diminuiu de uma centena. Que é que há? Médo do exame prático? De qualquer maneira parece que o exame foi dos melhores realizados últimamente.

★ Por outro lado, alguns vestibulandos tiveram que bancar os artistas de circo. Devido ao grande número de candidatos, as instalações da faculdade seriam insuficientes e a idéia era fazer o exame no Pacaembú. Mas na última hora, aquele estádio não pôde ser usado e a solução foi montar umas mesas nos corredores, que mais pareciam andaimos. Com isso os pobres candidatos não sabiam se faziam a prova ou seguravam a mesa para não cair.

★ Ainda quanto ao vestibular, alguns candidatos tiveram a desagradável surpresa de ver coincidirem os horários das provas na FMUSP e em outra escola onde também faziam exames. Isto aconteceu porque, à última hora, aquela escola mudou o seu horário provocando a coincidência. Num gesto muito simpático, o horário foi mudado na FMUSP e todo mundo aplaudiu o Dr. Dante.

... JARDIM: Parece que agora a FMUSP terá o seu jardim

em ordem. Grandes movimentos são observados diariamente por aquelas paragens e até um trator já andou esburacando o inacabado «Inferno Verde de Dante». Esperamos que o movimento continue.

Por falar em movimento, não haverá um meio de movimentar os nossos pré-colombianos elevadores?

**BIBLIOTECA:** Ficou uma beleza o novo salão, de leitura da Biblioteca Central. Dizem alguns colegas que quando vão lá não querem mais sair, tão grande é o conforto. Já um outro grupo diz que «beleza não se põe à mesa» e que o negócio mesmo é gastar dinheiro com livros. A onda está aumentando cada vez mais e, se a coisa continuar assim, voltaremos com mais pormenores em nosso próximo número.

**REFORMAS:** O CAOC está passando por uma fase de grandes melhorias. O Departamento de Publicações, com as melhorias que recebeu (ver reportagem em outro local) está estimulando muita gente a trabalhar lá. No D.F. o rubor das paredes reflete-se nas faces das moçoilas. Dizem até, os colegas de bom olfato, que a passagem de uma defeciana é detectada pelo ruído odor das tintas novas. Pela mesma porta saem outros, vindos da discoteca, carregando o verdor do novo teto e misteriosas histórias medievais, que a decoração recorda. Das paredes da redação de «O BISTURI» verdes esperanças nos alcançam: talvez um dia tenhamos uma máquina de escrever... Na atleética nem se fala. E' preciso ver para avaliar o trabalho dos esportistas.

Tudo melhora, tudo se reforma. Isto é um perigo! Qualquer dia deparamos com um restaurante universitário, a dez cruzeiros aqui por perto. Talvez até um bar como todos querem.

Bem... mas chega de falar em melhorias porque de reforma em reforma acabou reformando o ensino médico, a Universidade e depois...

Palavras do doutorando José Rafael Alcalá Brazón

Hoje chegamos ao começo do fim da nossa jornada. É o triunfo de nossos progenitores, de nós mesmos e da Pátria amada, se nós voltarmos para o povo que tanto espera de sua juventude estudiosa.

Trago-vos a mensagem de eterna gratidão dos latino-americanos, que irmanados por laços indestrutíveis, aqui viemos, a receber a hospitalidade, a compreensão e o amor do nobre povo brasileiro.

Somos felizes por haveremos passado entre vós, os seis (6) mais importantes anos de nossas vidas. Sempre nos sentimos em casa e em todos os momentos de alegria e apreensão porque passou o Brasil, sobemos afinar nossos diapasões aos corações dos inquietos universitários, assim como ao dos humildes homens do campo e da cidade.

Aqui aprendemos a amar

ainda mais, a nossa Pátria e a compreender com espírito crítico desapassionado, os problemas que a afligem que (como todos sabemos) são comuns a todas as repúblicas sub-desenvolvidas do conglomerado americano.

Mui sábia consideramos, senhores, a análise que ouvimos do orador da turma — JOSÉ DA ROCHA CARVALHEIRO. Nós a subscrevemos plenamente, porque tudo o que aqui se disse sobre o problema sócio-econômico brasileiro (com apenas variações de filigrana), não é mais do que a triste e dolorosa realidade de latino-América (que tem como denominador comum a fome, a insalubridade e o desemprego).

Agora vai um apelo para que todos saíamos hoje deste recinto, com a convicção da responsabilidade que à nossa juventude corresponde, no momento histórico em que vivemos, para que saíamos com

a disposição a algo fazer, pois sabemos que a resolução de nossos problemas é inadiável.

Farei uma declaração de princípio e de fé no Panamericanismo, porém não nos molde que se nos apresenta na atualidade, mas sim naqueles sonhados pelos forjadores de nossas nacionalidades, os libertadores. Naquele Panamericanismo que Bolívar, San Martín, O'Higgins, e D. Pedro, nos legaram: — UMA AMÉRICA JUSTA, LIVRE E INDEPENDENTE.

E tenho fé no Panamericanismo assim expressado, porque confio na vocação democrática e no amor à liberdade de Indo-América.

E tenho a certeza do papel histórico que a esse grupo de nações irmãs lhe corresponde.

Consideramos que o intercâmbio cultural entre nossos povos é uma das melhores formas de levar à pátria um Panamericanismo ativo, porque a troca de estudantes não

é mais do que uma troca de corações. É em base idealista e afetiva que se inicia, desta forma, o conhecimento de tudo aquilo que nos mostra a cultura de um povo: sua arte, sua música e sua ciência. É em base do convívio cotidiano que aprendemos a amá-lo.

Gostariamos, pois, que este tipo de intercâmbio cultural se intensificasse, já que só pelo conhecimento científico, o desenvolvimento da cultura e a consequente unificação que isto acarreta, alcançaremos o triunfo final. Já o dizia SIMON BOLIVAR: «Moral y luces son nuestras primeras necesidades».

Por tudo isto, peço a Deus me empreste o Dom do Verbo e poder transmitir-vos toda aquela caudal de sentimentos que transborda em nossos corações e me permitem afirmar: Que o Brasil não será para nós a segunda pátria, senão a outra pátria.

ANO XXVIII | Diretor: João Luiz Ferreira de Camargo | Casa de Arnaldo, Abril, Maio, 1962 | Diretor Técnico Comercial: Reinaldo Fagundes Miel | N.º 102

## casa do estudante

Problema que de há muito desafia a argúcia de diretores do CAOC e que constitui numa justa aspiração daqueles que convivem sob a égide de Arnaldo.

Num exame retrospectivo da matéria encontramos várias fases pela conquista deste objetivo. Em época não muito remota conseguimos a doação de um terreno, por parte do Governo do Estado, e que nos foi abocanhado em parte pela construção do Pavilhão de Medicina Nuclear. Tentou-se então remediar a situação, que para muitos de nossos colegas, de passadas turmas, era penosa, com a extinção do então Curso «Oswaldo Cruz» e reforma de suas instalações para alojamento de colegas os mais necessitados. Entretanto a idéia da construção de uma digna Casa do Estudante continuava ainda viva em nossa mente e esforços não foram poupados por várias e variadas diretorias de realizá-la, ainda que até o presente não bem sucedidos.

Assim é que tentamos a doação, por parte do Ministério da Saúde, das fundações do prédio destinado ao Hospital de Clínica Tisiológica, com a sua construção paralisada e «apodrecendo» desde outubro de 1958. Empenhamo-nos por ano e meio junto aos governos Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, culminando a nossa luta com a negativa por parte deste último governo no sob a alegação de posseguimento imediato das obras. Tal entretanto, até agora, não sucedeu. Outra vez «na mão» voltamos nossas vistas para o terreno da AAAOC com local já previsto para a construção de sua sede social. Fundiríamos assim as duas obras num só conjunto.

Chegamos a fazer estudos sobre esta possibilidade e esboçamos uma planta quando nos é cedido, pelo Governo do Estado, em comodato pelo prazo de 40 anos, outro terreno, sito à av. Rebouças em substituição ao primeiro, cujo processo tivera início em gestões anteriores. Voltamos assim à estaca zero e cá estamos hoje, entretanto mais dispostos do que nunca a prosseguirmos em nossa luta pela conquista desta meta.

Nesse meio tempo, outras sugestões nos foram apresentadas ou a nós os ocorreram. A fusão da Casa do Estudante com a Casa do Estagiário, atualmente em construção, a mais viável delas e que não teve feliz desfecho por nos ocorrer a idéia após a conclusão dos estudos e planejamentos para a Casa do Estagiário. A possibilidade de conseguirmos acomodações na Cidade Universitária, o que viria contemporizar o problema e não resolvê-lo, pois as razões para que a CE aqui seja erguida são ponderáveis. E mais, não acreditamos na mudança da FMUSP para a Cidade Universitária, pelo menos nas próximas décadas.

Por quais motivos nos lançaríamos a campo por objetivo tão árduo? Seria apenas pelo sentimento de inveja pelo fato de outros a terem e nós não? Ou seria por razões de comodidade e egoísmo apenas? Não. Gantanto-lhes que não. O desejo de progresso que habita no fundo da alma de cada ser humano por mais inerte que ele seja, sempre nos animou e nos animará, momentaneamente enquanto jovens de espírito. Entretanto paralelamente a isto encontramos sólidas razões para assim pensarmos e agirmos. Elas:

1 — CURSO SOBRE PSICANÁLISE NO AUDITÓRIO DAS FOLHAS.

2 — PRÊMIO «OSWALDO CRUZ» — Cr\$ 35.000,00.

O D.C. do C.A.O.C. outorgará um prêmio de Cr\$ 35.000,00 para o melhor trabalho científico, feito por estudante desta Faculdade, a ser apresentado na próxima Semana Brasileira de Debates Científicos (mês de setembro), a ser realizada em cidade de Estado Brasileiro ainda a ser designada pela União Nacional dos Estudantes de Medicina (UNEM).

Os trabalhos deverão ser encaminhados ao D.C. do C.A.O.C. até 30 de junho de 1962, e serão julgados por Comissão de Professores especialmente nomeada pelo D.C.

Os autores apresentarão seus trabalhos pessoalmente na Semana Brasileira de Debates Científicos, com viagem paga pelo D.C.

O referido prêmio constará de um Diploma e de prêmio em dinheiro montante na quantia supra, gentilmente ofertado por LABORATIL S.A.

3.a — Pelas condições de nosso estudo não nos é facultado trabalhar;

4.a — Finalmente o desejo de progresso que nos anima aqui se faz presente para nos impulsionar a avançar. Desejamos sempre sermos melhores médicos; para tal impõe-se um aproveitamento o máximo quanto possível, o que só é viável fazendo com que o Estudante resida no Centro Médico onde estuda, principalmente em grandes cidades.

Tempo teríamos para nos dedicarmos, mais do que muitos abnegados hoje o fazem, à pesquisa e ao aprendizado da arte médica, pois que aqui sempre estaríamos. Assim maiores e melhores seriam as possibilidades de formarmos médicos e cientistas que servissem de uma

maneira mais eficaz a esta nossa imensa e conturbada pátria, a nossos irmãos, afinal a nós mesmos.

Elas as razões de nossa luta. Continuá-la de uma maneira mais ampla e intensa, é meu apelo, a par de outras que visem o engrandecimento do gênero humano, que sempre devem pertencer aos horizontes do universitário.

Partamos então para a obtenção de uma planta e uma maquete da nossa futura CE, adequada ao novo terreno que nos foi doado. Daqui para a obtenção de fundos e materiais de construção, junto aos Governos do Estado e da União, junto aos industriais, comerciantes e fazendeiros, diretamente ou através de suas associações de classe, finalmente para campanhas populares, junto à classe médica se possível.

Vamos para a frente!!!

A. Carlos Gomes da Silva

## pele departamento científico

**Instituto de Medicina e Cirurgia**  
 MEDICINA — CIRURGIA — MATERIDADE — RAIO X  
 ORTOPEDIA E PRONTO SOCORRO DIA E NOITE

**Diretor:**  
**DR. S. DANIELI**

**Residente:**  
**DR. H. CAMPELLO**

ABERTA A TODOS OS MÉDICOS  
 Rua Humaitá N.º 409 Telefone: 32-7019  
 São Paulo

**D.º L.º ZAMBELETTI s. p. a. MILANO**  
 STABILIMENTI CHIMICO-FARMACEUTICI

após longo período de ausência do Brasil tem a satisfação de restabelecer as suas cordiais relações com a classe médica e farmacêutica brasileira por intermédio dos

**LABORATÓRIOS BIOSINTÉTICA S. A.**  
 RUA QUATÁ, 547/555 — CAIXA POSTAL 2797 — SÃO PAULO

a quem concedeu a exclusividade de fabricação e venda de seus produtos.

Como primeiro lançamento apresenta o CARBETOXI-SIRINGOIL-METIL-RESERPATO, substância sintetizada no INSTITUTO DE PESQUISAS ZAMBELETTI, sob a denominação comercial de

**RAUNOVA**

destinado ao tratamento da síndrome hipertensiva.